



Diseño de imagen: Natalia Lucentini

Compartilhando aprendizagens: narrativas sobre o processo de Investigação/formação

Compartiendo aprendizajes: narrativas sobre el proceso de investigación/formación

Sharing learning experiences: narratives on the process of investigation/training

Filomena Maria de Arruda Monteiro

Deusodete Rita da Silva Aimi

Eliane Moura das Neves

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Resumo: Neste artigo temos por objetivo apresentar algumas reflexões sobre as aprendizagens vividas no processo de investigação /formação realizada a partir da pesquisa narrativa desenvolvida pelo grupo de Pesquisa em Política e Formação Docente, (GEPForDoc). Para tanto realizamos uma discussão à partir de um dos textos de campo produzidos pelo grupo de pesquisa, na qual vão sendo contruídas as histórias de modo recursivo entre estar no campo, compor textos de campo, elaborar e partilhar e compor os textos de investigação. Ao final conclui-se que, embora o grupo considere como inovadora a perspectiva formativa/investigativa, torna-se necessário avançarmos nesse estudo em que pesquisadores e participantes compartilham sentidos construídos nas aprendizagens.

Palavras-chave: Formação de professores; Desenvolvimento profissional; Pesquisa narrativa; Educação básica.

Resumen: En este artículo tenemos por objetivo presentar algunas reflexiones sobre los aprendizajes vividos en el proceso de investigación /formación realizada a partir de la investigación narrativa desarrollada por el grupo de Investigación en Política y Formación Docente, (GEPForDoc). Para eso hemos realizados una discusión a partir de uno de los textos de campo producidos por el grupo de investigación, en la que los investigadores y participantes van construyendo las historias de modo recursivo entre estar en el campo, componer textos de campo, elaborar, compartir y componer los textos de investigación. Al final se concluye que, aunque el grupo considere como innovadora la perspectiva formativa/investigativa, se hace necesario avanzar en ese estudio en que investigadores y participantes comparten sentidos construidos en los aprendizajes.

Palabras clave: Formación de profesores; Desarrollo profesional; Investigación narrativa. Educación básica.

Abstract: In this article we aim to present some reflections on the learning experiences in the process of investigation /training carried out from a narrative research developed by the Policy and Teacher Training Research Group, (GEPForDoc). Therefore, we present a discussion based on the field texts produced by the research group, in which the stories are recursively constructed between being in the field, compiling field texts, elaborating and sharing the investigation texts. At the end, it is concluded that although the group considers the formative/investigative perspective as innovative, it is necessary to go further in this study in which researchers and participants share meanings constructed in the learning experiences.

Keywords: Teacher Training; Professional Development; Narrative Research; Basic education.

Recepción: 30-09-2018

Aceptación: 22-12-2018

Introdução

Necesitamos un saber que nos ayude a percibir nuevas posibilidades y sentidos en el dinamismo de la vida que sucede. Un saber que no reduzca la Didáctica a procedimientos de acción, sino que se abra a la percepción de la vida imprevista en movimiento, para aprender a movernos con ella, abriéndole nuevas posibilidades (Contreras, J. 2016, 18)

O projeto Desenvolvimento profissional da docência nos anos iniciais: ressignificando as aprendizagens¹ foi realizado numa proposta colaborativa envolvendo três escolas da rede municipal de ensino de Cuiabá-MT/Brasil com objetivo de compreender o desenvolvimento profissional dos docentes que atuam nos anos iniciais da educação básica, com vistas a identificar como e em que situações os docentes aprendem e de que lançam mão como necessário e imprescindível à ressignificação de sua prática para garantir um ensino voltado á aprendizagem, bem como quais mudanças e inovações podem subsidiar a formação de professores e contribuir para a melhoria da qualidade da educação pública. Assim, buscamos em diálogo com diferentes processos de desenvolvimento profissional construídos em diferentes contextos escolares, entender como um grupo de professoras de três escolas municipais vão ressignificando teorias e práticas no entrelaçamento de emoções, conflitos, conhecimentos e aprendizagens, suscitados pela prática do exercício docente.

A pesquisa foi desenvolvida por todos os membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política e Formação Docente- GEPForDoc vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, envolvendo bolsistas pibic, mestrandos e doutorandos, propiciando o desdobramento do projeto maior em subprojetos. Em razão disso, a investigação se configurou como espaço de socialização de várias produções acadêmicas, possibilitando construção de uma rede de cooperação entre pesquisadores e participantes.

Nesse processo colaborativo de investigação/formação coletiva, pesquisadores e participantes vão contruindo as histórias de modo recursivo

¹ Projeto financiado pelo Edital Universal/CNPq 14/2014

entre estar no campo, compor textos de campo, elaborar e partilhar os textos e compor os textos de investigação. A cada encontro, que acontecia quinzenalmente nas terças-feira na UFMT para refletirmos sobre a investigação, percebíamos o quanto ainda precisávamos avançar no debate e na reflexão sobre as questões dos contextos de atuação e dos tempos vivido nos processos de desenvolvimento profissional pelas professoras dos anos iniciais, bem como a necessidade de compreendermos sobre as influências das condições de trabalho na atuação dessas professoras. Igualmente, percebíamos o quanto as reflexões coletivas do grupo de pesquisa, ampliavam como um todo o proceso de investigação e potencializavam a compreensão sobre os contextos em ambas as escolas, os quais passamos a se configurar como lugar híbrido marcado pelas negociações, tensões, contradições, interações e significações advindos do exercício da docência

Ao tecermos novas e intensas relações de saberes e aprendizagens, bem como de sentimentos de entusiasmo, desafio e cumplicidade, mobilizávamos novos sentidos sobre o trabalho docente; desvelando para nós pesquisadores, as concepções, os interesses, as necessidades e as motivações que expressam as condições objetivas e subjetivas do trabalho docente naqueles contextos específicos. Temos um grande número de publicações que detalham como são ressignificados os procesos de desenvolvimento profissional e as aprendizagens docente nos contextos específicos dos anos iniciais (Monteiro, F.2013; 2014; 2015 e 2016).

Assim, neste artigo optamos por focar as aprendizagens do grupo de pesquisadores frente ao processo de investigação/formação, vivido na realização da pesquisa narrativa do projeto acima mencionado.

Consideramos importante apresentarmos alguns princípios teórico-metodológicos da pesquisa narrativa que orientaram o desenvolvimento do projeto para posteriormente explicitarmos como ressignificamos nossas aprendizagens nesse processo.

Por que Pesquisa Narrativa?

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Formação Docente (GEPForDoc), vem ao longo de aproximadamente quatorze (14) anos se

constituindo teórico-metodológica a partir de estudos e pesquisas sobre a perspectiva teórica do que se tem compreendido como “desenvolvimento profissional docente e aprendizagens na docência”(Garcia, M. 1999,2009; Vailant, D. e Garcia, M. 2012; Mizukami, M. et al. , 2002), buscando aproximações com a pesquisa narrativa enquanto método de investigação, Neste processo de busca, percebeu-se a existencia de várias “perspectivas de estudos que tomavam as narrativas dos sujeitos como ponto central das investigações, guardadas suas particularidades, abordagens e diversidades no que diz respeito às perspectivas teórico-metodológicas (Mariani, F. e Monteiro, F. 2016, 113).

Assim sendo, após um considerável período de estudos e reflexões, assumimos, no grupo, a perspectiva da Pesquisa Narrativa compreendida como método de pesquisa, com base nas proposições dos autores canadenses Clandinin e Connelly (2015). A opção pela pesquisa narrativa foi se construindo à medida da compreensão de uma base epistemológica com centralidade na experiência, capaz de proporcionar a “aproximação” entre a perspectiva metodológica e a compreensão sobre a formação de professores e os contextos de desenvolvimento profissional docente (Mariani, F. e Monteiro, F. 2016).

Ao assumir a Pesquisa Narrativa como método, é preciso destacar que como Clandinin e Connelly (2015), nos apoiamos em Jhon Dewey, o proeminente pensador educacional, que conduziu questões que vemos como centrais em nossos trabalhos. Os escritos de Dewey sobre a natureza da Experiência, “é nossa referência criativa para nos lembrar de que, em nosso trabalho, a resposta para a pergunta “porque narrativa?” é por causa da experiência”(2015). Assumimos que compreender a experiência de outrem implica se colocar ao lado desta pessoa, dialogando com ela, para que, por meio da indagação narrativa, seja possível dar a ela o lugar apropriado em um contexto de ressignificação (Monteiro, F. 2017).

Ao desenvolver essa investigação, a exemplo dos autores acima citados, optamos por olhar para os nossos textos de campo a partir de algumas dimensões, que se mostraram impressindíveis nesse processo tais como, “pessoal e social (interação); passado presente e futuro (continuidade); a noção de lugar (situação)”. Tais dimensões configuram o que os autores

chamam de “espaço tridimensional” para a pesquisa narrativa (Clandinin, J. e Connelly, M. 2015, 85).

Sobre este Espaço Tridimensional na pesquisa narrativa, é preciso considerar ainda:

A noção de interação de Dewey, focando no que designamos de as quatro direções de qualquer investigação: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva. Por introspectiva queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectiva, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectiva e prospectiva, referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro. Escrevemos que experienciar uma experiência – isto é, pesquisar sobre uma experiência – é experienciá-la simultaneamente nessas quatro direções, fazendo perguntas que apontem para cada um desses caminhos. (Clandinin, J. e Connelly, M. 2015, 85)

Além do conceito de Espaço Tridimensional, faz-se necessário dialogar um pouco sobre o que entendemos por “textos de campo. Clandinin e Connelly (2015, 136), vão dizer que os “textos de campo são nossa forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa”. Tais autores vão dizer ainda que “todos os textos de campo são reconstruções seletivas da experiência de campo e desse modo incluem um processo interpretativo”, importa ainda, para nós pesquisadores, considerar a “importância da relação entre participante e pesquisador”. A relação do pesquisador com as histórias em andamento dos participantes configura a natureza dos textos de campo e estabelece seu status epistemológico.

Outro aspecto a destacar nesse momento é o que diz respeito ao nosso papel de pesquisadores desenvolvendo uma investigação narrativa. Clandinin (2010) ao escrever sobre potenciais e possibilidades para a pesquisa narrativa afirma que nós, como pesquisadores, precisamos prestar atenção em quem somos na pesquisa e entender que nós próprios, fazemos parte das paisagens historizadas. Nós não somos pesquisadores objetivos, por isso assumimos este lugar de pesquisadores envolvidos com o fazer pesquisa. Principalmente por entendermos, com Clandinin, que a pesquisa narrativa é o estudo de pessoas em relação estudando as experiências de pessoas em relação. Como pesquisadores de narrativa, nossas histórias vividas e

contadas estão sempre em relação a, ou com aquelas de nossos participantes e com suas, e nossas, paisagens. Como pesquisadores narrativos sempre trabalhamos para entender pessoas, lugares e eventos como um processo, estando sempre em transição. Ou seja, constuímos outros modos de viver, narrar, pesquisar e reviver.

Dessa forma apresentamos algumas reflexões de como esse processo de investigação/formação entendido como processo de produção de sentidos e de significações compartilhadas geram aprendizagens aos participantes, revelando que a questão epistemológica adotada passa a ser também uma questão identitária.

Aprendizagens compartilhadas

Ao olharmos para uma das filmagens, realizadas em salas de aula de uma das escolas onde a pesquisa se desenvolveu, que compõem um dos textos de campo produzidos durante o desenvolvimento da pesquisa, começamos na busca de estratégias formativas constituída na relação com as narrativas da prática docente, perceber e refletir sobre as inúmeras possibilidades de aprendizagens que extrapolavam as experiências daquela prática docente. Nesse sentido, ao dialogarmos com o que acontece com o outro na relação com o exercício da docência, potencializávamos compreensões sobre o que era realizado por aquela professora, ao mesmo tempo em que nos possibilitava a construção de nossas narrativas anunciando interações e aprendizagens pensadas coletivamente a partir desse outro modo de narrar, pesquisar.

O episódio analisado por meio da filmagem que aqui nos serve de base para as reflexões realizada pela equipe de pesquisadores, foi analisado em um profundo exercício de análises crítica e coletiva, nos colocando do outro lado, em busca de uma construção colaborativa.

José Contreras ao escrever sobre a investigação a partir das experiências de professores, aponta que a "investigação da experiência" dá origem a um conhecimento que não funciona exatamente como informação ou como conhecimento cumulativo; não se propoe com uma investigação

como essa transmitir as conclusões do pensamento, mas dar origem a um pensamento vivo. Nesse sentido, sua aspiração não é a elaboração de um conhecimento teórico abstrato, mas incorporado (Contreras, J. 2016).

Assim como Contreras nossa proposição é a partir desses momentos de investigação/formação, seguir pensando, questionando o que vivemos e o que nos passa para obter uma maior compreensão dos acontecimentos que vivemos. A investigação educativa que não se desliga da experiência busca algo muito especial como saber: busca aquele saber que ilumina o fazer. Busca dar mais luz ao vivido, e também iluminar o caminho, abrindo-lhe possibilidades e sentidos (Contreras, J. 2016).

Em um dos primeiros momentos de análise da filmagem foi possível observar uma atividade de contação de história. Neste episódio a professora após conversar com os alunos sobre a atividade, liga um aparelho de som, e coloca para os alunos ouvirem a história de João e Maria. Enquanto a história está sendo contada alguns alunos se dispersam e conversam entre si, outros levantam de seus acentos e andam pela sala de aula, enquanto a professora pede silêncio discretamente, de modo que sua voz não atrapalhe a história que está sendo contada a partir do aparelho.

Fazer parte da equipe que realiza essa investigação nos ajuda a perceber como a professora, que já vivenciou outras experiências nesta escola, inclusive já atuou na coordenação pedagógica, encontra formas de lidar com os alunos dispersos sem interromper a história. Contudo ao observá-la é possível verificar que nem todas as crianças estão atentas ao que está sendo contado, o que para um professor iniciante talvez seja um problema complicado a ser encarado, enquanto que essa professora usa da sua experiência para com alguns gestos chamar a atenção de forma que eles voltem a prestar atenção à história que estava sendo contada, encontrando assim uma forma de lidar com a desatenção de alguns alunos sem interromper a história.

Ao final da história a professora então abre um momento de conversa com os alunos e vai aos poucos dialogando e auxiliando os alunos sobre o enredo, os personagens, ao mesmo tempo que aproveita para ver como eles conseguem articular-se para contar uma história que já conhecem. Interessante observar como a professora consegue instigá-los a falar sobre a

história sem atropela-los, inclusive respeitando os momentos de fala de cada um e aproveitando ainda para já introduzir a nova atividade a ser realizada, “um ditado diferente”. Esta atividade consistiria em uma atividade escrita, em que as crianças vão até o quadro e escrevem uma palavra, que será orientada pela professora a partir de dicas que ela vai fornecendo até o momento em que a criança descobre a palavra a ser escrita.

Em outro momento a professora conversa com os alunos, que estão divididos em grupos, ela orienta e negocia com eles a construção de uma lista de combinados. Neste momento ela retoma com eles a história de João e Maria e de forma compassada vai distribuindo atividades nos grupos que já foram separados. Apresenta as atividades e aos poucos vai explicando para os alunos como devem proceder ao realizar cada uma delas. Importante compreender que a professora distribui atividades diferentes aos grupos, tudo indica que ela os separa conforme os níveis de aprendizagem de cada um. À medida que ela entrega as folhas com as atividades, os alunos que estão aguardando começam a ficar agitados, o que faz com que ela retome os combinados que, a poucos minutos, havia sido abordado com eles. Enquanto isso os alunos que vão recebendo as folhas impressas com as atividades já começam a dialogar entre si realizando o que a professora pediu para ser feito. Interessante ainda que ao passo que os alunos vão se envolvendo com as tarefas, ela vai caminhando pela sala e auxiliando os alunos que apresentam mais dificuldades. De vez em quando ela volta a orientar a turma conforme os combinados, acordados previamente, até que a maioria se envolve com a tarefa e ela consegue aos poucos dar continuidade ao atendimento individual para aqueles que, neste momento estão precisando de sua atenção.

Uma das questões que se destaca neste trecho é que ao mesmo tempo em que a professora orienta coletivamente os alunos em relação a atividade a ser realizada, ela consegue ir orientando individualmente os que apresentam mais dificuldades ao mesmo tempo em que recorta as atividades e ajuda os alunos a colarem nos seus cadernos, nesse meio tempo algum aluno ainda pede para sair e ir ao banheiro, enquanto que outros dois estão dispersos ao fundo da sala e ela logo ao perceber a dispersão os convida a continuar com a tarefa lembrando novamente os combinados feitos no início,

as vezes até mesmo falando de forma mais firme com alguns deles. As ações dessa professora e as escolhas que ela vai fazendo ao trabalhar com seus alunos nos possibilita perceber os desafios que o professor dessa etapa enfrenta diariamente. E ao perceber refletimos sobre as demandas dessa profissão.

Esse exercício nos faz pensar e retomar alguns estudos, realizados pelo grupo em outros momentos, estudos que agora diante das cenas nessa filmagem surgem como uma forma de entender melhor o desafio do fazer docente nas condições que ela trabalha. Em um dos textos estudados, o livro "Desenvolvimento Profissional de Docentes" o autor Cristhopher Day (2001, 17) vai dizer que "As salas de aula estão cheias de alunos com diferentes motivações e disposições para aprender, [...] Ensinar é, por isso, um processo complexo". Complexidade talvez não seja a melhor descrição, mas com certeza é o que podemos ver na prática dessa professora, principalmente diante de um turma, que a partir desse texto de campo e de outro produzidos neste contexto, com tantos desafios de aprendizagem. Prática na perspectiva de Connelly e Clandinin (1995, 7) "significa conhecimento pessoal prático em funcionamento". Tal conhecimento é constituído pelo conjunto de convicções que emergem das experiências pessoais (íntimas e sociais) e se expressam nas ações.

Podemos dizer que em vários momentos e em várias ações da professora durante a aula nos vemos diante de questões que nos provocam, que nos fazem refletir sobre a complexidade desse fazer docente, assim sendo retomamos ainda os estudos de Mizukami (2002, 68) que ao escrever sobre as aprendizagens da docência durante o exercício profissional, relata que "os professores acabam desenvolvendo um novo tipo de conhecimento da área específica, que é melhorado e enriquecido por outros tipos de conhecimento (do aluno, do currículo, de conteúdos relacionados a outras áreas, do conteúdo pedagógico)". Ainda como destaca Mizukami (2002) retomando as ideias de Mc Diarmid (1995) sobre o processo de aprendizagem profissional, esse envolve desaprender algumas coisas consideradas boas ou específicas de uma prática padrão, o que implica reconfiguração e construção sobre ideias já existentes.

Esse evento da filmagem/texto de campo da nossa pesquisa, nos

possibilita avançar no processo formativo, por nos possibilitar estar com ela durante a sua aula, mesmo estando distante da escola, reunidos em uma sala na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) nos sentimos como dentro da sala de aula, e assim vivenciamos, juntamente com essa professora, os desafios que ela enfrenta diariamente, os dilemas e as escolhas que todos os dias ela precisa experienciar, que em alguns momentos nos deixa atônitos por acompanhar o seu movimento, as suas ações e as tomadas de decisão diante do inesperado.

No episódio é possível notar que a professora lida com saberes que extrapolam a formação inicial, quem sabe até mesmo a formação continuada, pois nas atividades que ela fornece para as crianças, existe proximidades com as propostas orientadas pelos cursos de formação, fornecidos pelo Ministério Educação (MEC), para professores da educação básica. E falamos em proximidade, pois ela faz algumas adequações ao que lhe foi orientado, o que nos permite refletir sobre a variedade de saberes que ela utiliza nos momentos de planejamento e da prática docente propriamente dita. Reafirmamos “que os professores não são técnicos que executam instruções” e propostas elaboradas por especialistas. “Cada vez mais se assume que o professor é um construtivista que processa informação, toma decisões, gera conhecimento prático, possui crenças rotinas, etc. que influenciam sua atividade profissional”. (Garcia, C. M. 1999, 47).

Aprender a partir da narrativa dessa professora é também refletir com Day (2001, 16-17), sobre a condição dos professores, inspirados nele podemos dizer que os professores precisam ser visto como o maior trunfo da escola, principalmente por sua atuação se dar “na interface entre a transmissão do conhecimento, das destrezas e dos valores” eles carregam consigo uma tarefa enorme e carregada de sentidos, pois precisam auxiliar os alunos a desenvolverem uma disposição para a aprendizagem ao longo da vida.”

É preciso dizer ainda que como pesquisadores narrativos olhamos para aquele episódio da aula da professora como uma grande possibilidade de aprendizagem, pois nos possibilita refletir sobre a pesquisa narrativa, não apenas como forma de registrar ou narrar as experiências dos professores, apesar de ser evidente a necessidade de relatar uma experiência, mas sim

como uma forma de construir um novo saber, de dar forma um saber que nos provoca que nos faz sair de um lugar que é cômodo, uma forma de evidenciar o vivido para prestarmos mais atenção ao que nos toca nessa experiência (Contreras, j. 2016)

E ao refletir sobre o episódio em si, é preciso observar para além da figura da professora, é preciso olhar o contexto a sala de aula em si, é preciso refletir ainda sobre o que lhe é possível fazer neste espaço, não é preciso fazer uma observação mais profunda para ver que muitos outros elementos poderiam e deveriam estar a sua disposição, principalmente considerando os alunos que ela recebe, a vivência nessa escola durante a realização da pesquisa nos possibilita dizer juntamente com Antônio Nóvoa (1995, 2009) que, se desejamos uma escola melhor, uma escola que atenda verdadeiramente as necessidades dos alunos e professores que ali estão, precisaremos também melhorar as condições de trabalho neste espaço, precisamos encontrar formas de investir em melhorias nas estruturas das escolas, na aquisição de materiais e principalmente nas políticas públicas em relação aos professores. “É inútil apelar à reflexão se não houver uma organização das escolas que a facilite”. É inclusive inútil reivindicar uma formação continuada adequada envolvendo os professores na escola, mesmo que seja uma formação colaborativa se a “definição das carreiras docentes não for coerente com este propósito. É inútil propor uma qualificação baseada na investigação [...] se os normativos legais persistirem em dificultar essa aproximação”.

A filmagem nos provoca ainda outras aprendizagens que nos direciona para o que Carlos Marcelo Garcia também destaca em seus escritos:

O esforço para conseguir escolas mais participativas, onde os professores sejam inovadores e façam adaptações curriculares, onde as classes sejam locais de experimentação, colaboração e aprendizagem, onde os alunos aprendam e se formem como cidadãos críticos, passa necessariamente pela existência de professores capazes e comprometidos com os valores que tal representa. (Garcia, M. 1999, 139)

A imagem dessa professora em exercício, lidando com os vários desafios diante da aprendizagem dos alunos nos inspira e nos leva a refletir sobre a

necessidade desse profissional comprometido, comprometido a ponto de manter-se constantemente em aprendizagem, comprometido a ponto de ver nessa investigação uma forma de também aprender, quando nos permite filmar sua aula, sem medo de mostrar o que tem realizado diariamente com seus alunos e assim nos permitir também aprender com os seus desafios.

A cada momento em que os membros GEPForDoc se reúnem em torno de textos de campo como este aqui apresentado, nos vemos diante desse contínuo exercício de aprendizagem, principalmente com o professor e sobre os espaços a ele concedido, ou simplesmente negado no cotidiano desta escola, escola essa que é construída diariamente a partir do seu trabalho e que deve ser pensada como um local mais humano fraterno e respeitoso com seus docentes. (Zeichner, K. e Diniz-Pereira, J. 2005). A rotina de trabalho dessa professora, juntamente com todos os entraves que enfrenta para conseguir realizar com êxito seu trabalho, nos provoca a novas ações diante do que vemos, nos provoca refletir sobre o papel da universidade diante desse contexto, que ainda precisa ser melhorado em sua estrutura, em seus espaços e principalmente nas condições de trabalho e formação dos professores.

Ao realizar este registro, a todo tempo retomamos os pressupostos que nos conduzem nesse caminho, e retomando Clandinin e Connelly (2015), relembramos o que eles nos orientam que, "quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles nunca estão ali como mentes (sem corpo) registradoras da experiência de alguém". Eles também estão vivenciando uma experiência, "a experiência da pesquisa que envolve a experiência que eles desejam investigar". Ou seja o pesquisador vive uma experiência dupla, como pesquisador vivenciando a experiência, e também sendo parte da própria experiência.

Ao retomarmos os estudos dos autores acima citados, nos vemos novamente diante de questionamentos que nos mobilizaram desde o início da pesquisa, questionamentos estes que, agora ao refletir sobre o que aprendemos com esse processo, nos parecem ainda mais desafiadores, pois nos coloca também em condições de questionar esse modo de fazer pesquisa, nos possibilita avaliar se conseguimos alcançar nossos propósitos, e ao avaliar questionar ainda se o que aprendemos aqui não poderia ter sido alcançado

por outro modo de fazer pesquisa. Sobre esses questionamentos, Clandinin e Connelly vão dizer que “precisamos continuamente fazer indagações sobre a forma que a pesquisa narrativa ilumina contextos sociais e teóricos nos quais posicionamos nossas investigações.” E inspirados nestes autores podemos dizer que neste trabalho pudemos observar que este modo de fazer pesquisa possibilitou-nos entender que “o conhecimento do professor é composto narrativamente, incorporado em uma pessoa e expressado na prática”. O que provavelmente não teria sido possível em um outro formato de investigação. (Clandinin, J. e Connelly, M. 2015, 169).

Algumas considerações

Pelo que foi exposto, pode-se afirmar que a realização de pesquisas narrativa potencializou aprendizagens, tanto aos participantes da investigação quanto aos pesquisadores. Esse processo em que os pesquisadores foram teorizando sobre a própria experiência vivida com a pesquisa narrativa se tornou um processo profundamente emancipatório, pois o diálogo colaborativo entre a prática experienciada e as construções teóricas formuladas sobre seus próprios enredos para melhor compreender a experiência narrada, recontextualizaram as aprendizagens em grupo, revelando que tais experiências foram formativas. Denize Vaillant e Carlos Marcelo (2012) ao focalizarem a aprendizagem em grupo destacam que num enfoque sociocultural a aprendizagem não pode ser dissociada dos contextos relacionais, sociais e culturais em que a atividade cognitiva se concretiza.

Como nos recomenda Connelly y Clandinin (1995) precisamos não só ouvir narrativas, mas também contar nossas próprias histórias nesse processo com a investigação narrativa. Assim, podemos revelar que com a pesquisa narrativa ao buscarmos entender o singular e social, aprendemos a nos inserirmos em processos e temporalidades históricas para pensarmos as narrativas socioculturalmente, a relação entre vida e relato, sempre indagando a partir de uma escuta sensível. Nesse sentido a narrativa passou a ser mediadora da própria experiência em seus sentidos e dimensões,

recontextualizando as histórias e os percursos de todos num movimento de vida.

Pesquisamos histórias complexas que se interrelacionam, potencializando experiências possíveis em diferentes contextos, o que nos exige a reinvenção de possibilidades interpretativas. O que nos exige acima de tudo ter clareza que escrevemos sobre pessoas e lugares em transformação e por isso precisamos dizer que pessoas e lugares estão constantemente avançando, dizer ainda que o nosso texto é um texto temporal, que trata das histórias dos pesquisadores e dessa participante em um dado momento de suas vidas.

Em seu conjunto, este estudo propicia pistas para novas apostas no campo da investigação e formação, considerando que o texto de campo aqui apresentado nos possibilita algumas aprendizagens, mas não se encerra com os sentidos contruídos até aqui. Esta reflexão nos possibilita pensar na necessidade de ampliar esse período de execução da investigação, pois é preciso evidenciar o que os professores tem a narrar, além de trazer á tona experiências e aprendizagens da equipe de pesquisadores que a cada visita realizada nessa escola, a cada texto de campo construído, avança na construção de novos saberes não somente sobre o docente, mas principalmente com o docente e com a escola. (Lima, M. et al, 2015).

Bibliografia

- Clandinin, D. Jean. 2010. Potentials and possibilities for narrative inquiry. In M. Campbell, & L. Thompson (Eds.), *Issues of identity in music education: Narratives and practice advances in music education* (pp. 1-11). Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Clandinin, D. Jean; Connelly, F. Michael. 2015. *Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2 ed. Uberlândia: EDUFU.

- Connelly, Michael. F.; Clandinin, Jean D. 1995. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. (org.). *Dejame que te cuente: ensayos sobre narrativa e educación*. Barcelona: Editorial Laertes.
- Contreras, José. 2016 Relatos de experiencia, em busca de un saber pedagógico. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, p.14-30, jan/abr. 2016.
- Day, Cristhopher. 2001. *Desenvolvimento Profissional de Professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Portugal: Porto Editora, 2001.
- Dewey, Jhon. 1976. *Experiência e educação*. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Ed Nacional.
- Lima, Maria Emília Caixeta Castro. Geraldi, Corinta Maria Grisolia y Geraldi, João Wanderley 2015. O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista Belo Horizonte*. V3. N.01, p.17-44. Janeiro-Março. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>>.
- Marcelo Garcia, Carlos.1999. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.
- Marcelo Garcia, Carlos. 2009. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo Revista Ciências da Educação*. n. 8, p. 7-22, jan./abril., 2009. <http://hdl.handle.net/11441/29247>
- Mariani, Fabio. & Monteiro, Filomena. Maria de Arruda. 2016. A pesquisa narrativa na formação de professores: aproximações que se potencializam. *Roteiro, Joaçaba*, v. 41, n. 1, p. 109-134, jan./abr. <http://dx.doi.org/10.18593/r.v41i1.8878>
- Mizukami, Maria. das Graças. Nicoletti. et. al. 2002. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EduFSCar.
- Mizukami, Maria. das Graças. Nicoletti. 2004. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições do L.S. Shulman*. In *Educação, Santa Maria*, v. 29, n. 02, p. 33-39.
- Mizukami, Maria. das Graças. Nicoletti.. 2010. *Formadores de professores, conhecimentos da docência e casos de ensino*. In: REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues; Mizukami, Maria da Graça Nicoletti (Org.).

- Formação de professores: práticas pedagógicas e escola. São Carlos: EDUFSCAR, 2010. p. 151-174.
- Monteiro, Filomena. Maria. de Arruda. 2013. Aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência: uma experiência de investigação-formação no curso de Pedagogia. In: Fontoura, H. A; Tavares, M. T. G. (Org.). Trabalho docente: experiências formativas e inserção profissional. Niterói: Intertexto. p. 87-103.
- Monteiro, Filomena. Maria de Arruda. 2014. Práticas de Formação e Diversidade: uma experiência de investigação formação. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 19, p. 129-152.
- Monteiro, Filomena. Maria de Arruda. 2015. Desenvolvimento profissional da Docência: sentidos e significados compartilhados em pesquisa narrativa. In: Cavalcante, M. M. D. et al. (Org.). Didática e a prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. Ceará: EdUECE, v. 04, p. 717-729.
- Monteiro, Filomena. Maria de Arruda. 2016. Narrativas e desenvolvimento profissional docente: significações experienciadas em contextos situados. In: Viventini, P. P. et al. (Org.). Experiências formativas e práticas de iniciação à docência. Curitiba: CRV, 2016, p. 119-132.
- Nóvoa, Antonio. 1995. O passado e o presente dos professores . In: NÓVOA, A. (org.). Profissão Professor. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, Antonio. 2009. Professores imagens do futuro presente. Lisboa, Portugal: Educa.
- Vailant, Denize y Marcelo Garcia, Carlos. 2012. Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba.
- Zeichner, Kenethy. M.; Diniz-Pereira, Júlio Emílio. 2005. E. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. Cadernos de pesquisa, v. 35, n. 125, p. 63-80.